



Janeiro a Junho 2016

# CAPA e BATINA

Nº 47 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



MYANMAR - Pagode Shwegadon,  
em Yangon, com monjas budistas

## NESTE NÚMERO

XXIV ANIVERSÁRIO  
DA ASSOCIAÇÃO

- FALAR DE MACAU  
Por Jorge Rangel

CONFERÊNCIA  
- O JUBILEU DA MISERICÓRDIA

ESPAÇO ABERTO  
ESPAÇO OPINIÃO

OS NOSSOS PASSEIOS

- FIM-DO-ANO  
- PASSEIO DA PRIMAVERA  
- VIAGEM A MYANMAR



## PÁG.

03	EDITORIAL
04	EM DESTAQUE - XXIV Aniversário da AAEC
06	A VOZ DA FILANTRÓPICA
07	CONFERÊNCIAS - O Jubileu da Misericórdia
09	OS NOSSOS PASSEIOS CÁ DENTRO - Passeio da Primavera - Vila Nova de Famalicão - Fim do Ano na Curia LÁ FORA - Viagem ao Dubai - Myanmar & Bangkok
15	VISITAS LOCAIS
16	IN ILLO TEMPORE
17	ESPAÇO POESIA
18	TERTÚLIA ACADÉMICA
19	CONVERSAS MENSAIS
20	IN MEMORIAM
21	ESPAÇO OPINIÃO
23	ESPAÇO ABERTO
26	NOTÍCIAS BREVES

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.  
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:  
[www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)

## 2016 – JUBILEU DA MISERICÓRDIA

Para o Papa Francisco, a misericórdia não é uma palavra abstracta, mas um rosto para reconhecer, contemplar e servir. Neste momento crucial para os refugiados, o Papa clama: "Jesus de Nazaré não é outra coisa senão Amor, um amor que se doa e oferece gratuitamente. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, para com as pessoas pobres, excluídas, doentes e em sofrimento, levam consigo o distintivo da misericórdia".

A seguir, **10 frases do Papa sobre o perdão e a misericórdia** para viver melhor o Ano Santo:

1. "Redescubramos as obras de misericórdia corporais: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos doentes, visitar os presos, enterrar os mortos. E não esqueçamos as obras de misericórdia espirituais: aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, corrigir os que erram, consolar os tristes, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos".
2. "Comove-nos a atitude de Jesus: não escutamos palavras de desprezo, não escutamos palavras de condenação, apenas palavras de amor, de misericórdia, que convidam à conversão".
3. "Como é difícil muitas vezes perdoar! E, no entanto, o perdão é o instrumento colocado nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração. Deixar cair o rancor, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para viver felizes".
4. "O perdão é uma força que ressuscita para uma vida nova e infunde a valentia para olhar o futuro com esperança". *Bula Misericordiae Vultus, n.10.*
5. "O sofrimento do outro constitui um apelo à conversão, porque a necessidade do irmão recorda-me a fragilidade da minha vida, a minha dependência de Deus e dos irmãos".
6. "Quanto desejo que (...) as nossas paróquias e as nossas comunidades, cheguem a ser ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença".
7. "A mensagem da Divina Misericórdia constitui um programa de vida muito concreto e exigente, pois implica as obras".
8. "Ter um coração misericordioso não significa ter um coração débil. Quem deseja ser misericordioso necessita de um coração forte, firme, fechado ao tentador, mas aberto a Deus".
9. "Não se pode viver sem perdoar ou, pelo menos, não se pode viver bem, especialmente em família".
10. "A misericórdia para a qual somos chamados abraça toda a criação que Deus nos confiou para sermos cuidadores e não exploradores, ou pior ainda, destruidores".

XXIV

## ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO

5 de Março de 2016



## “FALAR DE MACAU EM ENCONTRO DE ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA”

Jorge A. H. Rangel (Presidente do Instituto Internacional de Macau.)

“Macau ficou, definitivamente, em nossos corações.”

Maria de Fátima Lencastre,  
presidente da AAACL

Quase vinte anos após a visita a Macau da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (AAECL), quando, em representação do Governador Vasco Rocha Vieira, recebi os 104 membros que integraram a comitiva e lhes fiz uma exposição sobre o período de transição e os preparativos finais para o estabelecimento da nova região administrativa especial da China, quiseram os seus responsáveis convidar-me para proferir uma palestra sobre o legado, fazendo também um balanço da primeira década e meia do seu funcionamento. A ocasião foi a comemoração do 24.º aniversário da Associação, levada a efeito no dia 5 de Março em Lisboa, no Salão Nobre do Palácio da Independência, sede da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

### UM EXEMPLAR CONVÍVIO COIMBRÃO

Foi uma longa e memorável tarde, que incluiu almoço, bem servido pelo restaurante daquele Palácio, o qual é gerido pela Fundação INATEL; tomada de

posse dos órgãos sociais da AAACL; actualização do grupo coral “Ad-Hoc”, constituído por associados; a minha intervenção, intitulada “Macau – um legado valorizado”; apresentação do conjunto “Madre Christo” e do CD “Serenata a Coimbra”, do eternamente jovem Augusto Camacho, e uma serenata de Coimbra. Muitos dos mais de 120 participantes não arredaram pé, até ao F-R-A final, vigorosamente gritado por todos. O coro “Ad-Hoc” entoou bem conhecidas canções, entre as quais Edelweiss, do filme “Música no Coração”, Balada de Outono e Cantigas de Maio, de José Afonso, o espiritual negro Go Down Moses e o famoso Funiculi Funiculá que Luciano Pavarotti e outros tenores imortalizaram. O grupo “Madre Christo”, por seu lado, deliciou-nos com uma série de canções de Coimbra, a que se seguiu uma magistral exibição de acordeão pelo conhecido acordeonista Tino Costa.

A Serenata de Coimbra pelo Grupo “Serenata ao Luar”, a que todos os intervenientes deram o seu melhor, com sensibilidade e garra, fechou com chave de ouro este marcante encontro, merecendo a presidente da Associação e os seus colaboradores as mais calorosas felicitações. Registo com agrado a forma como o Juiz-Conselheiro Alcindo Costa, personalidade muito querida no

seio da Associação e em outras instituições, pelo muito que deu a Portugal, foi homenageado neste encontro. Bom amigo e companheiro em actividades do mundo da lusofonia, com destaque para as do Elos Internacional da Comunidade Lusitana, com sede em Santos (Brasil), de que fomos ambos presidentes internacionais. Alcindo Costa é meu colega no Conselho Supremo da Sociedade Histórica.

Na minha comunicação, procurei caracterizar o legado arquitectónico, cultural, institucional e humano de Macau, identificando as pedras da História e saudando as “pedras vivas” que souberam valorizar o património herdado e fazer funcionar o território que Portugal e os portugueses administraram ao longo de séculos e que, em momento julgado oportuno, retornou à soberania plena chinesa, mas mantendo um estatuto de autonomia, como região administrativa especial. Este é o tema de um trabalho que o Instituto Internacional de Macau publicará em Maio próximo. Aproveitei ainda para lembrar as ligações de Macau a Coimbra e para fazer uma pré-apresentação do livro “Macau-in-Coimbra”, coordenado pelos académicos Ming K. Chan, da Universidade de Stanford, e Carmen Mendes, da Universidade de Coimbra, e por mim, reunindo tra-

balhos apresentados na Conferência da Associação Europeia de Estudos Chineses, realizada em Coimbra, em 2014. E não deixei de evocar a memória de Carlos Assumpção, o único macaense que presidiu à Associação Académica de Coimbra.

### VISITA AO ORIENTE EM 1997

A Associação visitou o Oriente em Agosto de 1997, tendo estado em Bangueroque, Singapura, Malaca, Hong Kong, Zhuhai, Cantão e Macau. O seu boletim informativo "Capa e Batina" nº 10, de Outubro do mesmo ano contém uma exaustiva crónica desta deslocação de duas semanas, cujo ponto mais alto foi precisamente Macau. Como então referiu a presidente da Associação, e agora de novo neste encontro, "Macau ficou, definitivamente, em nossos corações".

É interessante reler algumas passagens dessa crónica, na parte respeitante a Macau, cujo recorte ficou guardado no meu arquivo pessoal:

*"Prosseguindo a visita, apeámo-nos junto ao Jardim dos Passarinhos para fazer a indispensável romagem à Gruta de Camões e homenagear o nosso Vate, com as tradicionais fotos, junto ao seu busto e à primeira estrofe do Canto Primeiro da sua imortal Epopeia.*

*Daqui, continuando a pé, fomos até à Igreja de Santo António, cujo interior visitámos, seguindo para as ruínas da Igreja de São Paulo, dedicada a Nossa Senhora, como pode ver-se da inscrição 'MATER DEI', por sobre a porta principal. Destruída por um incêndio em 26 de Janeiro de 1845, dela ficou de pé apenas a fachada, que é outro dos ex-libris da cidade. Descendo a monumental escadaria, passeámos pela Rua de São Paulo, seguindo pela Rua da Palha, e ao lado da Travessa dos Algibebees, pela Rua e Largo de São Domingos até ao Largo do Senado, de calçada portuguesa, no topo do qual fica o edifício do Leal Senado, datado do séc. XVI, com muita história, onde funciona a Câmara Municipal, criada por um Decreto de 1586 do vice-rei da Índia. (...)*

*À noite, teve lugar a anunciada recepção no bellissimo Palácio da Praia Grande, onde, em nome do Sr. Governador, ausente do território em serviço oficial, nos esperava o Senhor Coronel Raiano, que, mostrando-nos algumas das salas, nos deu explicações sobre o palácio e a sua utilização como sede do Governo, da Assembleia Legislativa e do Conselho Consultivo do Governador, recordando que fora construído em 1849 e pertença dos barões do Cercal, mas, devido aos problemas económicos desta família, fora arrematado pelo governo, em hasta pública, em 1881.*

*Saídos do Palácio da Praia Grande, dirigimo-nos ao Museu do Vinho, tendo sido aqui recebidos pelo Sr. Dr. Jorge Rangel, Secretário-Adjunto para a Administração, Educação e Juventude, na qualidade de representante de Sua Excelência o Sr. Governador e do Governo, o qual, tendo a seu lado a Presidente da nossa Associação e o coimbrão Jorge Humberto (uma das antigas glórias da imortal Briosa e médico, há muitos anos, em Macau), nos fez uma desenvolvida exposição, de forma muito clara e muito brilhante, sobre a história e a vida actual*



Os Madre Christo (visíveis...)



Cantando o aniversário com o ilustre Palestrante

do território, nas suas múltiplas vertentes económicas, sociais, educacionais, culturais, jurídicas e judiciais e empresariais, enfatizando, particularmente, as preocupações e os esforços do actual Governo – a que preside, como referiu, mui dignamente e com muito sentido de Estado, o Sr. General Vasco Rocha Vieira – em deixar indelével, pelos séculos vindouros, a marca de Portugal neste território, que em 19 de Dezembro de 1999 passará a ser administrado, definitivamente, pela China, em conformidade com os compromissos assumidos na Declaração Conjunta Luso-Chinesa e na Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau, que deverá vigorar, pelo menos, até 2049. Tais compromissos tiveram e têm por base o respeito pelos valores culturais da portugalidade, caracterizada pela harmonia entre raças, religiões e sistemas diferentes, no respeito pelos direitos, liberdades e garantias individuais. Terminada a sessão, seguiu-se na sala de exposições do museu, por entre 1.050 marcas de vinhos portugueses e de outras origens, engarrafados, um opíparo jantar, oferecido pelo Governo do Território."

Palavras amigas de boa gente que Coimbra uniu e que ficou também indelévelmente ligada a Macau.

A presidente da Direcção devolveu aos 124 convivas presentes (e aos muitos outros que incentivaram) o mérito de transmitirem força anímica aos seus "dirigentes" para encetarem novo mandato (o 8º para si própria e alguns ou-



O Coral Ad-Hoc em magistral exibição.

tros membros, que identificou), pedindo o apoio e a compreensão de todos em cada acto, em prol da continuidade do genuíno espírito associativo e reforço da dimensão e envolvimento culturais das actividades desenvolvidas intra e extra-murus, como são reconhecidas e manifestamente comprovadas ao longo destes anos.

Uma ovação sentida figurou a promessa de ajuda e a alegria de partilhar os **"Parabéns à Associação!"**

#### Nota

Em nome dos Órgãos Sociais empossados e que são:

#### ASSEMBLEIA GERAL

PRES - Cons. Francisco Chichorro Rodrigues;  
VICE-PRES – Eng. José Pinheiro Veloso;

SECRETÁRIA - Dr.ª Maria Guerra Prazeres;  
SECRETÁRIO – Cons. Arménio Hall;

#### CONSELHO FISCAL

PRES - Eng José Manuel Matos Costa;  
VOGAL - Dr Jorge Fernandes Nunes;  
VOGAL – Dr.ª Maria Claudina Castel-branco.

#### DIRECÇÃO

PRES – Dr.ª Maria de Fátima Lencastre;  
VICE-PRES – Dr. Augusto Azeredo Costa Santos;  
VICE-PRES – Dr. Francisco Mota Ferreira;  
TESOUREIRO – Eng. José António Correia;  
SECRETÁRIA – Dr.ª Maria Isabel Soares da Costa;  
VOGAL – Dr.ª Maria José da Costa Bernardino;  
VOGAL – Eng. Luís Miguel Gaspar Martins.

#### ASSESSORES:

CULTURAL: Dr. Eduíno de Jesus  
Para as RELAÇÕES INTERNACIONAIS:  
Dr. José Pedro Campos Barbosa,

## A VOZ DA FILANTRÓPICA

Temos reforçado o propósito de acompanhar os Colegas em situação de doença ou outras que careçam de apoio, de os felicitar nos seus aniversários personalizadas (a veia humanista do Arménio Hall é inesgotável...) e de lhes proporcionar momentos de convívio como:

- CHÁ DOS REIS – no dia consagrado, com as iguarias e poesia adequadas;
- CHÁ DA PRIMAVERA – no dia 3 de Maio, com profusão de flores, poesia e a dádiva pelo "Porta Férrea" de um apontamento do Fado de Coimbra.

A Direcção



# “O JUBILEU DA MISERICÓRDIA”

15 DE ABRIL DE 2016

pelo Cónego António Rego

## ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Começo por prestar homenagem à vossa juventude; - é mais que uma praxe - universidade, à Cidade de Coimbra, à Capa negra, à música, praxes, serenatas, amores, amizades, repúblicas para muitos..corte com a família, saída da aldeia, acesso a novo estatuto social e cultural, edificação de mitos do saber, contacto com os mestres, uns excelentes e amigos outros, tiranos mesmo que sábios, descobertas dolorosas e festivas do mundo, aprendizagens duras, sonhos armazenados sobre o futuro, testemunhas apaixonados da evolução, porventura da revolução, estatuto privilegiado de cidadão, oportunidade de completar o curso em tempo record ou em protelar o exame que significaria o corte umbilical com a utopia, laços, indelévels forjadores de nostalgia que ainda perduram.

E tudo isto em convivência com idades e proveniências diferentes. E esse *curriculum* que é simplesmente ter sido estudante de Coimbra.

Com uma particularidade, - em Lisboa. Coimbra e Lisboa sempre se deram bem, sem ciúmes nem despiques. Mesmo nos tempos genuínos da Académica, a rivalidade era mais formal que afetiva. O sonho e a tradição de Coimbra eram um espírito... o livro, uma mulher... a saudade.

Digo isto porque? Porque é uma riqueza humana com nascente nos nossos afetos e sonhos, seja qual for a nossa idade. Coimbra foi e é uma cidade de magia, *ecuménica*, antiga e nova, rigorosa e boémia, praça de vaidades e escola de generosidade e partilha, de sacrifício e festa. Um símbolo de cultura bem mergulhada nas raízes do tempo.

Casos Paralelos: 12 anos de seminário nos Açores, 34 colegas de curso: estudo, amizade, oração, teatro, academia, música, partilha de livros e revistas - alguns proibidos, pequenas convivências, distantes das famílias, mística de vida, ideal de serviço. Em ILHA.

Particularidade no olhar... abordagem e vivência dos anos 60, do Concílio. Mais tarde percebi que vivemos dos tempos mais apaixonantes do século vinte, no cruzamento veloz de correntes de pensamento, na viragem da história antes do Concílio e de 68, depois de duas guerras, com uma vontade enorme de revirar o mundo ainda que fosse do avesso.

## FORÇA DA MISERICÓRDIA EM JUBILEU

é o título desta reflexão.

*Rápida história.* O rosto da misericórdia (misericordiae vultus).

Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, S. Roque, Portela, Estrela, S. João de Deus, Sé. Uma Porta Santa é uma porta aberta pelo Papa para marcar simbolicamente o início de um Ano Santo. Cada uma das basílicas maiores de Roma tem a sua Porta Santa, que é fechada e murada fora deste período especial.

A tradição remonta a 1423, ano em que o Papa Martinho V abriu, pela primeira vez na história, um ano jubilar através de uma Porta Santa na Basílica de São João de Latrão.

A abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro remonta ao Natal de 1499. Nessa ocasião o Papa Alexandre VI quis que as Portas Santas fossem abertas não apenas em São João de Latrão mas também nas outras basílicas maiores, a de São Pedro, a de Santa Maria Maior e a de São Paulo Extramuros.

Bula.” Terceiro Domingo de Advento, abrir-se-á a Porta Santa na Catedral de Roma, a Basílica de São João de Latrão.

E em seguida será aberta a Porta Santa nas outras Basílicas Papais.

Rstabeço que no mesmo domingo, em cada Igreja particular - na Catedral, que é a Igreja-Mãe para todos os fiéis, se abra, uma Porta da Misericórdia. Por opção do Ordinário, a mesma poderá ser aberta também nos Santuários, meta de muitos peregrinos que frequentemente, nestes lugares sagrados, se sentem tocados no coração pela graça e encontram o caminho da conversão. Assim, cada Igreja particular estará directamente envolvida na vivência deste Ano Santo como um momento extraordinário de graça e renovação espiritual.

Portanto o Jubileu será celebrado, quer em Roma quer nas Igrejas particulares, como sinal visível da comunhão da Igreja inteira. (Bula)

## O ROSTO DA MISERICÓRDIA-CONCÍLIO

O Papa Francisco.

A Bula foi lançada em Setembro de 2015 a Bula da Proclamação do Jubileu EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA.

Exatamente com esse título: o rosto da Misericórdia, com 25 números e 30 páginas. Ano Santo aberto a 8 de Dezembro (50 anos encerramento **CONCÍLIO**: até 20.11.16 - Cristo Rei, com inspiração em João 23:

“A Igreja prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade... Igreja, mãe amorosa, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade para com os filhos separados”...

Na conclusão do Concílio Paulo VI diria: “Foi antes de mais a caridade... aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma com que se orientou o Concílio:”

-A Igreja - Mundo contemporâneo, diálogo ecumênico, comunicação social, religiões não cristãs, liberdade religiosa, um novo capítulo. Abertura ao mundo. Diálogo e acolhimento aos que estão longe.

Que terá a ver connosco hoje?

Nuclear do Jubileu é...o Coração que se entenece com o outro, a ponto de aproximar, sintonizar, reconciliar, pacificar. Perdoar.

**O nome de Deus é misericórdia** – Andreia Torielli. (Livro resultante duma nova conversa com o Papa). Assim surge, depois de tanto ouvirmos falar de misericórdia, misericórdias, obras e casas, o Papa Francisco a fazer renascer MISERICÓRDIA como estado de espírito permanente e não como tirada heróica ocasional.

(Confesso que me sinto diferente depois que comecei a ter a misericórdia como **companhia diária**. Vou seguindo a dinâmica dos cristãos em muitos pontos do mundo e percebo como a mesma palavra se reconfigura em cada comunidade e em cada cultura. A misericórdia também é passível de inculturação.)

A minha vida pastoral de cinquenta anos de padre tem andado sempre à volta da pastoral da Comunicação – a comunicação, não apenas social.

E encontro uma imensa proximidade entre misericórdia e comunicação.

Trata-se de algo vital em nós: Viver é comunicar – no ventre materno – no grito à nascença – no choro de criança, na quietude - na alimentação – na vibração, na modulação, no colo materno – no sentir antes de dizer...

"Detenhamo-nos no terno e denso Salmo 131, onde – como se observa, aliás, noutros textos – a união entre o fiel e o seu Senhor é expressa com traços de amor paterno e materno. Lá aparece a intimidade delicada e carinhosa entre a mãe e o seu bebé, um recém-nascido que dorme nos braços de sua mãe depois de ter sido amamentado. Como indica a palavra hebraica *gamùl*, trata-se dum menino que acaba de mamar e se agarra conscientemente à mãe que o leva ao colo.

É, pois, uma intimidade consciente, e não meramente pro biológica. Por isso

canta o Salmista: «Estou sossegado e tranquilo, como criança saciada ao colo da mãe» (Sl 131/130,

- **"A alegria do amor"**

- **2 "Sinodos sobre a família."**

Numa mensagem já havia dito: "Na família, é sobretudo a capacidade de se abraçar, apoiar, acompanhar, decifrar olhares e silêncios, rir e chorar juntos, entre pessoas que não se escolheram e todavia são tão importantes uma para a outra... é sobretudo esta capacidade que nos faz compreender o que é verdadeiramente a comunicação enquanto descoberta e construção de proximidade."

«Paciente e misericordioso» é o binómio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus. O facto de Ele ser misericordioso encontra um reflexo concreto em muitas acções da história da salvação, onde a sua bondade prevalece sobre o castigo e a destruição.

Os Salmos, em particular, fazem sobressair esta grandeza - **o Perdão**.

«É Ele quem perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades.

É Ele quem resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e ternura » (103/102, 3-4).

E outro **Salmo** atesta, de forma ainda mais explícita, os sinais concretos da misericórdia:

«O Senhor liberta os prisioneiros. O Senhor dá **vista** aos cegos, o Senhor levanta os abatidos, o Senhor ama o homem justo. O Senhor ampara os humildes».

A misericórdia de Deus não é uma **ideia abstracta** mas uma realidade **concreta**, pela qual Ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até ao mais íntimo das suas vísceras. É verdadeiramente caso para dizer que se trata de um amor «visceral». Provém do **íntimo** como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão...

Ouço um **casal** que já tem quatro filhos mas que havia planeado ter seis. Por razões médicas teve que renunciar a esse desiderato. Até que um dia, no diálogo que sempre manteve sobre o tema, uma ideia surgiu: e se adotasse um "filho"?

Tempo, oração, conselhos, procura de razões, consulta aos outros filhos embora pequenos. Maturação serena e de novo tempo e ponderação sobre todos os porquês e consequências da decisão. Até que ambos sentiram que o coração se abriu, com a luz da fé, a um sim: adotar, isto é, receber mais um filho. Longo processo humano e burocrático a suportar com repetidas reuniões, esperas, consultas, interrogatórios, preenchimento de formulários que quase pretendiam esgotar todas as hipóteses e surpreender todas as contradições. Compreenderam que não iam adotar um filho mas era um filho que os ia adotar como pais. E não podiam escolher, como não escolheram os quatro filhos que já tinham. Fatigante o tempo de percorrer as instituições de onde viria o seu "filho". Não havia um lote de ofertas que o casal apontasse a dedo a criança que pretendiam.

Até que chegou o dia de terem de responder a uma pergunta choque: "aceitam uma criança "deficiente"? Mais tempo, mais reflexão, mais oração, mais consulta aos outros filhos. Como se distinguiria uma decisão acertada, duma aventura de risco que poderia por em causa uma família "estabilizada"? Um a um foram caindo conceitos e preconceitos em nome dum novo filho que já amavam e que aceitavam como os outros que viviam sob o mesmo teto e se sentavam à mesma mesa. Souberam que a criança nascera saudável e que apenas por maus tratos ficara cega, sem falar e de complexa mobilidade. Feita outra ronda de consultas tomaram a decisão. Disseram sim. Que aceitavam o novo filho e que há muito já o amavam mesmo sem o conhecer. E veio para casa com um nome próximo dos nomes dos irmãos.

Passaram dois anos: a casa alterou-se, os irmãos descobriram novas formas de relação, afeto, sacrifício e convivência. Há por vezes momentos duros. Mas todos têm um olhar novo sobre a vida.

Da minha parte ainda não deixei de celebrar o silêncio que este gesto me deixou no coração no Jubileu da Misericórdia". Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia.

CÁ DENTRO

# PASSEIO DA PRIMAVERA

## VILA NOVA DE FAMALICÃO

DE 13 A 15 DE MAIO DE 2016

Por Maria Eduarda S. C. Barros Caldeira

Viajar é andar e passear,  
É, tomar ar, é cantar e dançar,  
É apreciar, conversar e partilhar...

É querer conhecer,  
É ouvir o outro ser...  
Em suma, aprender a conviver...

Partimos a 13 de Maio,  
Das traseiras da Reitoria,  
Seguimos até ao Porto,  
Éramos 52, com muita alegria.  
No Restaurante BH, no Porto,  
Almoçámos muito bem.  
À tarde, ida ao Museu da Farmácia,  
E que belas peças tem.

Tem um espólio de raro valor.  
O nosso património está representado  
Pela cópia da Farmácia Estácio,  
Estando tudo em muito bom estado.  
Vinda de um Palácio do Império Otomano,  
Uma "Farmácia Islâmica" contemplámos,  
É uma verdadeira obra de arte  
Com que todos nos encantámos.  
Seguimos para Guimarães,  
Com o seu Castelo e o Largo do Toural.  
Ficámos no Hotel do mesmo nome,  
Na terra que é berço de Portugal.

No dia seguinte viajámos até Famalicão  
E o Museu do Automóvel visitámos.  
Tinha cerca de 100 exemplares,  
Exposição que muito apreciámos.  
Desde o Ballila ao Jaguar,  
De que sou grande apreciadora,  
Até aos relógios de parede,  
Feitos pela "Boa Reguladora".  
Seguidamente fomos almoçar  
Ao Restaurante "O Tanoeiro":



O grupo nas escadas da Capela de S. Frutuoso de Montélios

Sarrabulho, rojões do Minho,  
Mas o pudim "Abade de Priscos"  
foi o primeiro  
O Museu Bernardino Machado  
Fomos à tarde visitar,  
Soubemos que os brasileiros ou "torna-  
viagem",  
Ficaram ricos, após emigrar.

Achei curiosa a frase que li:  
*"A religião é a união das almas  
pelo amor, como a economia o  
é pelo trabalho"*

Bernardino Machado

No domingo, visitámos  
A Igreja de S. Frutuoso,  
Onde assistimos à Missa  
E notámos um grande fervor religioso.

No Restaurante Abadia d'Este  
Foi onde nós almoçámos:  
Bacalhau à moda da casa,  
Com o resto, de que muito gostámos.

Seguimos para o Mosteiro de Tibães,  
Que foi pertença dos Beneditinos,  
É um edifício importante,  
Dos mais importantes sobre o Divino.

1º Barroco, depois rococó e neo-clássico,  
São os vários estilos da sua restauração,  
Ao cimo, Fé, Esperança e Caridade,  
Por cima, um órgão sem afinação.  
Havia telas de Pascal Parente,  
Lousa de Valongo no chão,  
No coro alto há cadeirões à volta,  
E tudo feito com perfeição.

Vimos as celas, os aposentos de Abade,  
Que tinham terraço e jardim privado.  
Hoje há uma hospedaria com 9 quartos  
E está tudo em muito bom estado.  
Adorámos a viagem,  
Esta é a minha opinião.

Foi tudo bem planeado,  
Pensado com dedicação.  
Lisboa 25 de Maio de 2016



No Museu Municipal do Automóvel de Vila Nova de Famalicão

## FIM DO ANO NA CURIA

DE 30 DE DEZEMBRO DE 2015 A 1 DE JANEIRO DE 2016



Réveillon



Os Cultores do Fado de Coimbra

As visitas a: **Cantanhede** — Igreja Matriz, Igreja da Misericórdia, estátua equestre do Marquês, Paços do Concelho; a **Ançã**, com o seu famoso Museu da Pedra, preferida pelos escultores desde o séc. XIV para os monumentos da terra — Casa dos Marqueses de Cascais, Pelourinho e Fonte de Ançã — e também adoptada por Coimbra na escultura dos portais, capitéis e imagens; a **Avanca** — Casa-Museu Egas Moniz, com o seu notável espólio; e a **Ovar** — Museu Júlio Dinis, uma Casa Ovarense, todas elas enriqueceram os dois últimos dias de 2015, em jeito de despedida e passagem para o próximo ano no majestático *Curia Palace Hotel*. Aqui pernoitámos duas noites, festejámos o *réveillon* e apreciámos o sempre delicioso *brunch* do Ano Novo, no dia 1 de Janeiro. Para além da excelência das visitas, da qualidade do alojamento e

refeições, o que mais apraz registar é a comunhão de almas que uniu os 48 convivas idos de Lisboa com os 6 Colegas que desceram do Porto para confraternizarem connosco: logo na primeira noite, uma Serenata de Coimbra “improvisada” ecoou por todo o hotel, com o António Moniz à guitarra, o Soares da Costa à viola e as vozes do Manuel Ferreira e do Napoleão Amorim, o imortal “divo” do Fado de Coimbra!

De imediato a gerência do hotel apercebeu-se da especificidade do grupo, privilegiando-nos com a actuação, durante um prolongado *brunch*, da mesma brilhante orquestra que tinha animado o *réveillon*. Difícil foi fazer parar os foliões e encaminhá-los para o regresso a Lisboa... Com esta alegria de reencontros iniciámos 2016!

# LÁ FORA

## VIAGEM AO DUBAI – MYANMAR & BANGKOK

DE 7 A 20 DE MARÇO DE 2016

Por Maria Guerra Prazeres



Lago Kandawgyi

Com a bagagem equipada de pulseiras, "sticks" e sprays para a roupa, armas poderosas para combater o terrível mosquito *Anopheles*, partiram 23 companheiros rumo a Myanmar, a antiga Birmânia.

Antes, porém, o avião da Emirates deixou-nos no **Dubai**, um dos sete emirados que constituem os Emirados Árabes Unidos.

Guiados pelo João Helton, brasileiro, chegámos ao **Hotel Ramada Jumeirah**, o mesmo que nos acolheu na viagem de 2013.

Outro dia surgiu com a visita panorâmica da Av. Sheikh Rashid, Bolsa de Valores, Burj Khalifa, o mais alto edifício do mundo com 828 m, zona residencial para os locais (beduínos) e a paragem no **Jardim do Milagre**. Mais de 45 milhões de flores, coloridas e vistosas, de

diferentes variedades, ornamentam surpreendentes desenhos, como pavões de longa cauda, caras, torre Eiffel, pagode, moinhos da Holanda, arcos, etc. A imaginação é imensa e o seu efeito é fantástico! Ainda apareceram os foguetões, montanha russa, automóveis de rodas para o ar e o miradouro com escadaria alcatifada... O jardim fecha durante 5 meses e as flores são substituídas.

De novo no autocarro fomos observando a zona de Jumeirah, os palácios e praias da família real, Crysler Town (2 edifícios iguais), a zona da marina, alcançando o **Sofitel**, onde se almoçou.

Continuando a visita panorâmica avistámos a zona de Madinat (a Veneza do Dubai), com construção típica do Irão, com torres de ventilação, seguindo-se uma paragem no **Dubai Mall**, o maior do mundo.

Algumas pernas bem se queixaram!...

Jantámos no restaurante **Orchestra** e correndo conseguimos assistir ao espectáculo das **fontes do Dubai**, junto ao edifício do Burj Khalifa. Foi excelente a conjugação do jogo de água, luz e a música de Júlio Iglésias, mas durou pouco... Saímos para o aeroporto esperando-nos uma "noitada" até aterrarmos em Bangkok e também outra longa espera pelo avião que nos deixou em **Yangon** (Rangum), a capital de Myanmar. No aeroporto estava o Tom, com uma saia artisticamente colocada, o nosso guia durante a estada em Myanmar, o 2º maior país da Ásia, com uma população de 62 milhões, sendo 6 milhões atribuídos a Yangon.

A visita iniciou-se pelo **Pagode Shwegadon** que, imponente e majestoso nos seus 99m de altura, coberto de

ouro e de milhares de pedras preciosas no pináculo é sem dúvida um dos monumentos mais impressionantes do mundo. Diz-se que terá mais de 2 500 anos e que foi erigido no local onde existia um relicário com 8 cabelos de Buda.

O budismo foi introduzido no séc. XI, como religião principal.

No dia seguinte visitámos **Kraweik Hall**, a barca real, situada no lago Kandawgyi, construído no séc. XVIII.

Seguiu-se o **Templo Chauk Htat Gyi** e não pagode (neste não se entra), morada de uma enorme (70 m) estátua dou-rada de Buda reclinado e com cara de mulher. Todo o realce incide nas plantas dos pés, marcadas com 108 motivos, encerrados em quadrados, como animais, peixes, montanhas, água, ondas, flor de lótus (símbolo da perfeição). Noutra sala estava uma pedra redonda, a pedra dos desejos, que só serão atendidos se os fiéis a sentirem leve...

O **Museu Nacional** abriga objectos relacionados com a história e a cultura do povo birmanês, como artefactos, ornamentos, obras de arte, mas a sua principal peça é o Trono do leão, que data de há mais de 150 anos. Era usado pelo rei quando tinha que decidir judicialmente nos casos da lei. Levado pelos ingleses em 1865, foi mais tarde devolvido, após a independência em 1948.

Após o almoço fez-se a passagem pelo Hotel the Strand, marco nacional no centro da cidade, em estilo Vitoriano, Palácio da Alfândega, Supremo Tribunal de Justiça e a Câmara Municipal, próxima do **Pagode Sule**, de forma octagonal e com mais de 2 500 anos, construído por 2 irmãos, com um cabelo de Buda.

Ao 5º dia saímos em direcção a **Thanlyin**, antiga feitoria do **Sirião**, que serviu de porto nos finais de 1500 e onde se instalou Filipe de Brito e Nicote, no séc XVII. A cidade era muito grande e rodeada de montanhas. Apenas restam as ruínas de uma antiga igreja portuguesa, onde consta que estão os túmulos de dois missionários portugueses.

No túmulo visível só se conseguiu decifrar o começo da **Avé-Maria** e o nome **Maria Margarida**, mulher de António Fernandes executado em 1750. E a dúvida mantém-se. Afinal quantos corpos estarão neste túmulo? Jamais o sabermos!...

Visitámos ainda o **Pagode Kyeik Khaik**, situado no alto de uma colina, que aloja um Buda com metade humana e metade divina, além de outro muito trabalhado, rendilhado e muitas decorações. De barco alcançámos o **Pagode Ye Ie**, localizado numa ilha, no meio do rio, sendo atribuída a sua construção a uma senhora que recebeu "instruções" dos espíritos. Nele pode presenciar-se um

Buda de madrepérola e ouro do séc. XIX e também 4 estátuas de espíritos.

Após o regresso a Yangon e o almoço, fez-se a visita à **Catedral de S.ta Maria**, católica, com uma bela via-sacra e uma imagem de S.to António.

Alguns "aventureiros" visitaram o **Pagode Botahtaung**, construído com 8 cabelos de Buda, cujo interior é oco. Destruído pelos ingleses, é um autêntico labirinto e onde todas as estátuas estão dentro do fosso.

É muito interessante e muito diferente de todos os que já visitámos.

Deixámos Yangon e no dia 12 de Março saímos bem cedo (6 h) para o aeroporto, voando até **Heho**. De autocarro chegámos a **Pindaya**, nome que dividido em Pin e daya significa respectivamente aranha e conquistado. Nas **Grutas de Pindaya**, local de peregrinação estão 8 854 estátuas de Buda, colocadas nos espaços não ocupados pelas stalactites.

São todas de pedra, excepto uma de madeira que é bastante pequena.

De tarde prosseguimos até **Nyaung Schwe**, cidade mais povoada do lago Inle, para de barco irmos ao encontro do **Pristina Spa & Resort**.

Ao jantar houve a festa de aniversário da Fernanda Figueiredo e do Lopes Costa, um momento alegre e descontraído, acompanhado pelo habitual bolo de aniversário, cântico dos parabéns e outros, bem como das prendinhas.

O **Lago Inle**, nas montanhas Shan, está a 875 m de altitude, tem 22 km de comprimento e 11 km de largura. As cidades e aldeias nas suas margens são povoadas pelos **Intha** (filhos do lago). Os pescadores e os camponeses produzem luxuriantes legumes nas hortas flutuantes, presas com varas de bambu, enterradas no fundo do lago. É uma técnica única no mundo. Também é o único lugar onde se rema com os pés. Em vários barcos, lotados com 5 pessoas, atracámos no **mercado flutuante** durante cerca de uma hora para o visitar e fazer compras.

Seguidamente visitámos o **Pagode Phaung Daw U**, um dos 3 principais do



Ruínas da Igreja portuguesa da antiga feitoria do Sião

país, construído no séc. XVIII, albergue de 5 estátuas de Buda do séc. XII. Estas estátuas foram tão cobertas de folha de ouro, que as suas formas originais são impossíveis de distinguir.

Seguiu-se a visita a uma fábrica de algodão e lótus, única no mundo, situada em **Inn Paw Khon**. Por último fomos ao **Complexo de Pagodes Inndein**, do séc. XVI, alguns deles em ruínas e escondidos na vegetação.

A entrada bastante estreita levou-nos ao encontro de um grande Buda, com dois espíritos e uma tromba de elefante. Existem mais de 2 000 pagodes, alguns muito mal restaurados de branco e dourado, sendo apenas os de cor acastanhada originais.

Novamente de avião aterrámos em **Bagan**, já com o calor a sentir-se. Bagan é a terra dos templos (70%) e pagodes (30%), banhada pelo rio Ayeyarwaddy, o mar dos birmaneses que lhes dá vida aos campos, o peixe e um excelente meio de transporte, de norte a sul.

Os reis e os habitantes de Bagan tinham uma tal devoção a Buda, pensando que o melhor meio de atingir a Nirvana seria a construção de monumentos religiosos. E assim surgem todos estes monumentos do séc. XI ao séc. XIII. É impressionante e inesquecível! São tantos, tantos, grandes, médios e pequenos.

Já existiram cerca de 4 000, mas agora ainda restam 2 227.

Só Myanmar tem mais templos e pagodes do que todos os países budistas do mundo! A visita iniciou-se pelo **Templo Gubygauky** (séc. XII), que significa uma gruta. Este templo restaurado em 1975, apresenta belas pinturas murais, que representam a vida passada de Buda (cenas jataka). Também se observaram gotas de água, que caracterizam a grande aridez desta região. E lá estão os 4 Budas iluminados, pois há sempre 4 Budas nos templos. Caminhando chegámos a **Khay Min Gha** local com uma infinidade de templos. O olhar alcança o infinito e esta paisagem era imperdível! Após a sesta realizou-se a visita ao **Templo de Ananda**, considerado uma das obras de arte sobreviventes da ar-



quitectura Mon, e que abriga 4 Budas em pé. Admirável uma estátua original de Buda, com figura de mulher, com 10 m de altura, que quando se olha de perto tem um olhar severo, mas ao longe está sorridente. Este templo tem também muitas pinturas murais e mais de 500 Budas espalhados pelas galerias e nichos. Terminámos com a ida ao **Templo Myauk Gu Ni**, subindo para desfrutar a paisagem, semeada de imensos templos e o pôr-do-sol de tom avermelhado, que se foi escondendo.

Finalmente o alojamento e jantar no **Hotel Tharabar Gate**.

Ainda em Bagan visitámos o **Templo Dhamayangyi**, famoso pelos fantasmas e o mais maciço, mais pesado, construído em meados do séc. XII pelo rei Narathu apenas com tijolos justapostos, sem cimento.

Fomos a uma aldeia, **Min Nan Thu**, acompanhados por uma "guia" que nos levou a uma casa onde uma idosa de 90 anos enrolava um charuto com palmeira e milho, que também fumou.

Assistimos a uma demonstração das várias utilizações da saia (um longo pano) desde o seu uso como mochila, transporte para crianças, transporte de produtos agrícolas, jaqueta para o frio, burka e a simulação de uma tromba de elefante.

Seguiu-se a visita a uma **fábrica de lacados**. Os objectos de laca são a principal produção artesanal de Myanmar e sobretudo de Bagan.

Acabada a sesta passeámos em carros coloridos puxados por cavalos (ainda hoje usados nas zonas rurais), por caminhos poeirentos e saltitantes até **Smewe Sam Daw** a fim de vermos o pôr-do-sol. Descalços subimos o templo, mas não valeu o esforço pelo pouco que se viu...

Ao jantar houve os festejos de aniversário da Teresa Leónidas, com a presença final de três portugueses que ainda partilharam do bolo.

Raiou um novo dia e também um novo autocarro com um pouco mais de comodidade, para nos transportar a Mandalay.

Ao longo do percurso fomos observando os campos bem cultivados, com plantações de girassol, sésamo, palmeiras, tabaco, bananeiras e também placards, com fotos do Ronaldo!

Parámos em **Inwa (Ava)**, capital real durante cerca de 400 anos e de charrete chegámos ao **Mosteiro Bagaya**, de grandes colunas e que alberga uma colecção de estátuas de Buda.

Após o almoço e de barco atracámos em **Amarapura** para visitar o **Mosteiro Mahagandayan**, construído em 1913 e



Templo Hsinbyme Paya

onde vivem e estudam mais de 1 000 monges. Alguns enchem potes de água, enquanto as túnicas lavadas secavam ao sol, ritual que é seguido diariamente. Os monges usam vários modelos de túnicas, consoante as ocasiões. Para pregar e recolher a comida a túnica tem que cobrir todo o corpo.

Ainda passeámos pela **Ponte U Bein** com mais de 200 anos, construída com madeira teca e 1,2 km de comprimento. De regresso ao autocarro viajámos até **Mandalay** e alojámo-nos no **Mandalay Hill Resort**.

No dia seguinte, de barco navegando pelo rio Ayeyarwaddy acostámos na **aldeia de Mingun** para visita das ruínas de **Mingun Paya**, que deveria ser o maior pagode do país, mas que ficou apenas com 150 m de altura. O sino de Mingun, dedicado ao pagode é de 1808, pesa 90 toneladas e é o segundo mais largo do mundo com 5 m de diâmetro. Não está danificado, não tem badalo, mas soa quando lhe batem com grossas peças de madeira. Também visitámos o **Templo Hsinbyme Paya**, branco, manda-

do construir pelo rei para a sua mulher, mas o sismo de 1838 destruiu-o. Muitas escadas se subiram para ver no seu interior um Buda original!...

O almoço decorreu no barco que nos transportou para Mandalay, cidade com 2 milhões de habitantes. Dirigimo-nos ao **Palácio Real**, situado no interior das muralhas, que se mantêm intactas desde, o penúltimo rei.

Os pavilhões de ouro, outrora cheios de vida, glória e fausto foram ocupados pelos ingleses, durante a 3ª guerra, que os transformaram em sede e clube e durante a II guerra mundial foram totalmente queimados pelos japoneses. Agora apenas existem dois, reconstruídos em 1945, pintados e não cobertos com a folha de ouro.

Após a visita ao interior dos pavilhões, entrámos no **Museu** que abriga peças relativas à vida da realeza, como carros de cavalos, palanquins e trajes reais. À saída do museu dois canhões esperavam-nos!... Nada de anormal já que parte do recinto está ocupado por um quartel militar.

Em seguida, perplexos, admirámos o

## Complexo de Pagodes de Kuthodaw.

O rei Mindou convidou 1 500 monges para organizarem o 5º Sínodo budista a fim de clarificar e corrigir os textos budistas que ele mandou gravar em 729 placas de mármore (15 m no total).

É o livro sagrado mais comprido do mundo, com honras do Guinness. No final o Tom pediu-nos um minuto de meditação em frente do Buda dourado colocado no átrio.

À noite, com jantar no jardim do hotel, assistimos a um espectáculo de marionetas e danças lentas com belos trajes e bem vistosos. Algumas senhoras e cavalheiros vestiram-se à birmanesa e o Tom à ocidental.

E a nossa viagem estava na ponta final com a partida para **Bangkok**, onde após 2 h de voo nos esperava a guia Norma com o seu excelente português aprendido em Portugal, que considera a sua segunda casa.

A Tailândia tem cerca de 67 milhões de habitantes, sendo a sua população composta por 94% de budistas, 4% de muçulmanos e 1% de cristãos.

É uma monarquia, sem partidos, apenas militares, estando o actual rei a reinar há 70 anos. Bangkok, a capital, é uma grande metrópole com 12 milhões de habitantes e 8 milhões de carros! Transportados para o **Hotel Pullman Bangkok**, um edifício altíssimo, jantámos no 24º andar.

No dia seguinte partimos em direcção a **Ayutthaya**, cidade fundada em 1350 pelo rei U-Thon, que a escolheu para capital do reino de Ayutthaya ou Sião. Os portugueses foram os primeiros europeus a estabelecerem-se aqui em 1511, num pedaço de terra de 3,5 km a sul da cidade, oferecido pelo rei Ramathiboldi XII. Era a cidade mais bonita do séc. XVI, com quase 1 milhão de habitantes e um porto muito importante.

Em 1716 tudo foi destruído e as ruínas da antiga cidade são hoje **Património da Humanidade** desde 1992.

A **Igreja de S. José**, católica, construída em 1891 e restaurada em 2004 estava repleta de fiéis que celebravam o dia de S. José (19 de Março), não podendo ser

visitada. Assim, restou-nos o jardim contíguo, no qual se encontram muitas imagens, entre elas a Ceia de Cristo, S. Pedro, a Sagrada Família e o Menino Jesus de Praga. Em seguida deslocámo-nos aos vestígios da **aldeia portuguesa**, dos quais constam a igreja e o cemitério, instalado num edifício moderno, com vários esqueletos (alguns foram arrastados pela água durante uma inundação em 2011). Os esqueletos revelavam o estatuto de pessoas com mais de 1,70 m. A bandeira portuguesa, a assinalar o cemitério reacendeu o orgulho nacional!

Ainda visitámos o **Templo Wattharam**, que está em ruínas, mas sempre se vão vendo no claustro Budas em pé, sentados e sem cabeças.

De novo em Bangkok, fizemos a travessia do rio **Chao Phraya** a fim de se

visitar o **bairro** e a **Igreja de S.ta Cruz**. Passeámos pelas ruelas do bairro, adornadas de flores, parando num local, onde de um modo muito artesanal se fabricam os queques portugueses. A Igreja portuguesa foi construída em 1770 durante o reinado do rei Taksin, mas a que visitámos, a 3ª construída no mesmo local é da autoria de missionários franceses, uma vez que as anteriores tinham ardido. No seu interior as imagens estavam tapadas com os painos roxos, característica da época pascal, mas ainda vimos vitrais originais, uma via-sacra colorida e uma imagem de S.to António.

Novamente de barco pudemos observar o Templo Aurora, belo exemplar de porcelana chinesa, o Palácio Real, o Templo que alberga o Buda reclinado, o Hotel

Sheraton e a seu lado a **Embaixada de Portugal** com a bandeira hasteada. Construída em estilo neoclássico em terreno oferecido pelo reino tailandês em 1820, teve a honra de ser a primeira representação diplomática em Bangkok. Cada vez mais nas alturas, no andar 36, foi servido o jantar.

Chegou o dia do regresso que foi totalmente preenchido com os voos para o Dubai e para Lisboa, num acumular de quase 15 h.

Chegámos, certamente, cansados e ainda duvidosos das possíveis artimanhas do dito mosquito, mas satisfeitos com a realização desta agradável e muito interessante viagem. E se algo vos correr menos bem, não esqueçam os ensinamentos do Tom. Façam meditação...



Antiga aldeia portuguesa

## VISITAS LOCAIS

**No 1º semestre de 2016 realizaram-se 4 visitas:**

- Dia 27 de Janeiro – ao novo Museu Nacional dos Coches;
- Dia 2 de Março – ao Museu do Azulejo no Mosteiro da Madre de Deus com visita à Igreja e ao Presépio do séc. XVIII;
- Dia 20 de Abril – à Casa-Museu Medeiros de Almeida e à Exposição *"Armas de Sedução – Leques Europeus do séc. XVII ao XX"*;

- Dia 10 de Maio – no Museu Nacional de Arte Antiga à Exposição *"Imagem e Poder – o Tesouro da Rainha Santa"*.

Inscribam-se porque há *numerus clausus*; e não falem porque fica, quase sempre, alguém em "lista de espera"!

**Apareçam sempre!**



# AS LATADAS

AMÉLIA FERREIRA-PINTO

Chegara o Outono. Centenas de estudantes, vindos de todo o país, enchiam a estação velha de Coimbra e corriam apressados para a estação nova.

Malas na mão, capas ao ombro, espalhavam-se pela Baixa e pela Alta, trepavam pelo Quebra-Costas, pelas Couraças e enfiavam-se por todos os becos e ruelas da velha cidade.

Coimbra vibrava de vida, de bulício, de excitação.

Os dias iam ficando mais curtos e sombrios; os Cafés, as Repúblicas, os Lares, as Casas Universitárias, as casas particulares e as modestas pensões, regurgitavam de velhos e novos estudantes. Os *caloiros* andavam desorientados, os *doutores* atarefados.

As chuvas chegavam, o comércio animava-se; as capas negras agitavam-se na Porta Férrea, no Pátio da Universidade, nos Gerais, na Secretaria, nas Escadinhas de Minerva e do Liceu. O Pirata recebia com largos sorrisos os seus *doutores*; a velha Cabra, na velha Torre, animava toda aquela movimentação.

Acabados os exames da 2.<sup>a</sup> época, procedia-se à grande festa da recepção aos *caloiros*.

Eram as *latadas*, a integração dos futuros doutores na vida académica.

A praxe tinha começado e os festejos também. Os submissos *caloiros* mascarados das formas mais ridículas e ouzadas, exibiam nas cabeças os símbolos tradicionais. Era o grupo dos ditos *cornuptos* que abriam o desfile.

Empunhando arrojados cartazes com críticas aos mestres e às suas tiranias,

às bafientas *sebentas* e aos velhos costumes académicos, às notícias da terra e do país que punham a descoberto os escândalos correntes, e, sobretudo, os da classe docente e da cidade em geral. As *latadas* tinham lugar ao sábado. Cada faculdade apresentava a sua *latada*, o que provocava uma confusão infernal. Os *Zé Pereiras* malhavam forte nos bombos, os *caloiros* ainda batiam mais forte nas latas, o povo vinha às portas e às janelas e participava naquela hilaridade ensurdecadora.

A *latada* da minha faculdade era a *latada* das *peneirentas*. As jovens abundavam na *peneira* e, como era óbvio, era a mais aplaudida.

No nosso curso de Românicas e no curso de Clássicas tínhamos poucos colegas - dois ou três rapazes e o mesmo número de Padres.

A maioria dos alunos de Letras fazia parte do curso de Histórico-Filosóficas e alguns de Germânicas.

O nosso cortejo tinha à frente um *caloiro* avantajado e empertigado, réplica do nosso *bedel* funcionário educado, bem-falante e apumado que ostentava no peito um letreiro com a seguinte frase: **DOUTOR †, MAJESTOSO E POMPOSO CATEDRÁTICO DA PENEIRA**

Das *feras* do nosso curso, as mais causticadas eram o professor de Latim, Doutor Rebelo Gonçalves, e o professor de Grego, Doutor Simões Ventura - vulgo O Faraó.

A vítima do curso de Filosóficas era o Doutor Miranda Barbosa.

Durante o prolongado desfile invadiam-se a sede do *Calino* e do *1.º de Janeiro*, onde oradores afamados e inflamados faziam bombásticos discursos.

O nosso grande Demóstenes era o Flávio Gonçalves. Seco e erecto, melena ao vento, monóculo ofuscante invocava a sua origem poveira e equiparava-se ao seu conterrâneo Eça de Queirós. Fundador da República AI-Ó-LINDA de que tanto se ufanava, quando já flutuava nos vapores de um bom tinto, usava de uma verve inesgotável.

E não se ficava por ali. À noite no cinema Avenida continuava esse desembuchar dum chorriinho de asneiras, agitando um chocalho no camarote do Magnífico, o nosso saudoso Reitor Doutor Maximino Correia sempre tolerante e colaborante, sempre sorridente e paciente.

A festa finalizava nessas animadas sessões do cinema Avenida cujo dono oferecia, gratuitamente, aos seus queridos doutores.

Os comentários ao filme, os piropos, os assobios, quando aparecia alguma *lasca* no ecrã, as palmas, os urras, os F-R-ÁS, terminavam num pandemónio. E a algazarra continuava na rua com vivas ao Magnífico, aos Mestres, às Beldades e ao Amor, a Coimbra e à Universidade.

Era assim Coimbra naquele tempo

**NOTA – Esta rubrica está aberta às "recordações" de todos aqueles que as quiserem lembrar.**

# OS NOSSOS POETAS

**FRANCISCO D'EULÁLIA (JOSÉ FRANCISCO DE FARIA COSTA)**

Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e Provedor de Justiça

Extraídos do livro Canto Longo e Outros Poemas (2015)"

## Depois sumiu

Tudo me fuge  
tudo agarro  
na aparência do prender  
e na dureza do fugir  
sem fios ou cadeias  
mas na cadência do balançar  
do menino autista  
que viajou comigo  
até pasárgada  
lá me deixou  
depois sumiu  
e eu balançando  
como menino tonto  
em pasárgada não tive nem um beijo  
e era amigo do rei  
maldito sejas bandeira  
enganaste-me

## Então

se fosses príncipe e  
limpasses as latrinas do quartel  
então  
sentirias o perfume único da rosa  
feito sangue dos mortos da guerra

se fosses rei e  
lavasses as cavaliças  
como o outro  
então  
perceberias que o nosso destino  
é um muro de cimento onde  
se fazem lindas e falsas saídas que depois  
nos levam ao nada

se fosses deus e  
te aniquilasses de vez  
então  
amarias a humanidade  
que vem dos fins dos tempos  
e vai imorredoiamente  
para os tempos sem-fim

## Só te direi

meu filho  
sem nome  
não te sei dizer o significado  
daquilo que não sei  
só te direi  
o sentido daquilo  
que não aprendi

meu filho  
com nome  
sente a terra que agarras nas mãos  
sente a água que te fuge entre os dedos  
sente a brisa que te banha o rosto  
sente o calor da fogueira

meu filho  
com todos os nomes  
deixa despojado  
que a poesia te possua  
sem sentido  
na inebriante timidez  
do amor

## O rancor e a repulsa

o rancor e a repulsa  
levam longe a fúria  
que se desfaz nas ruínas de cafarnaum

zenão sempre o soube  
por isso veio com o cordeiro  
e na pedra dura rente ao chão  
abriu-lhe as entranhas

tudo escureceu  
e o negro foi mais negro  
o vento levantou poeira  
que cobriu em manto de dor  
casas estradas jardins campos rios oceanos

os lacraus saíram das luras  
as cobras enlouquecidas enroscaram-se em novelos  
sem saber o delírio sorriu  
em harmoniosa conjunção  
com o mal  
depois choraram os lírios  
as pedras abriram buracos fundos  
que vinham do fundo  
e tudo se perdeu  
no crepúsculo dos homens  
que nem no cume das montanhas  
viram auroras  
por que teimais

# APRESENTAÇÃO DA OBRA DE CARLOS CARRANCA *o eu desconhecido* (2016)

CARLOS ALBERTO POIARES - VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Carlos Carranca é um Poeta. Poderemos integrá-lo também em outras classificações, mais ou menos profissionais, mais ou menos formais e de conveniência em que as pessoas e os dispositivos são pródigos em arquivar os cidadãos – leia-se arrumar – dentro de uma lógica quase compulsiva.

Poderemos dizer que é um professor, um cantor, um artista – porém, tudo quanto se diga pecará por limitativo, porque uma pessoa e a sua obra não cabem em tipologias pré-definidas nem em taxonomias de ocasião. Quando de alguém se afirma é um Poeta, tudo fica dito - porque não é Poeta quem quer nem quem produz umas rimas: é preciso trazer a sensibilidade do verso nos lábios, com o sabor do mar; é preciso sonhar o poema e a Liberdade e trazê-los escritos nas palmas das mãos; é preciso acreditar na beleza que gera a força, na sabedoria que se arranca da convivialidade com os outros; é preciso ser solidário, sempre e em todas as coordenadas do tempo e do espaço; é preciso ser capaz de desenhar sinais de esperança em todo o trajeto da vida – mas não só de esperança, também de rebeldia e de revolta, combatendo o conformismo e a resignação! Carlos Carranca é um Poeta por todas estas razões!

Foi com um Poeta – e com vários outros Poetas – que estivemos no final de tarde de 16 de Junho, na grande-pequena sala da Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, a Arroios, escutando as palavras de quem conhece bem o Homem e a obra



A Mesa



Parte de uma assistência numerosa (75 pax)

- Maria Carlos Aldeia, investigadora do CLEPUL - Universidade de Lisboa, Joana Albuquerque, finalista da Escola de Teatro de Cascais e aluna do Carlos Carranca. Fátima Lencastre, a presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, foi a anfitriã deste inesquecível encontro e do convívio que o mesmo permitiu, com a guitarra e a viola de Coimbra, dedilhadas magistralmente por António Toscano, pelo Nuno Cadete e pelo Luís Martins, com a guitarra clássica tocada pelo Rogério

Cardoso Pires, com a mestria que se lhe reconhece e com a viola e a voz do Vítor Sarmiento – que fez aportar àquela sala a alquimia que habita cada poema que canta. E a voz, dita e cantada, do Poeta animou a alma coimbrã que, resistindo ao calor, se rendeu, uma vez mais, à magia das palavras e dos acordes que, percorrendo o espaço e o tempo, nos tocaram, convocaram e até provocaram. Porque quando a voz de um Poeta se eleva, todos somos convocados e a vida acontece...



## “HISTÓRIAS DA MITOLOGIA CLÁSSICA” O CALCANHAR DE AQUILES E OUTRAS HISTÓRIAS DA MITOLOGIA CLÁSSICA

DOUTORA CRISTINA MARIA ABRANCHES GUERREIRO

EM 17 DE FEVEREIRO DE 2016

Procurando filiar a gênese de uma realidade em actos de seres sobrenaturais, o mito é sempre a narrativa de uma criação, o imortal relato de um acontecimento ocorrido no tempo fabuloso das origens. De natureza etiológica, célebres episódios da mitologia clássica ainda hoje ecoam em vocábulos e expressões de uso corrente.

Na origem do substantivo “eco” está o nome próprio da personagem que protagoniza o mito grego que explica esse fenómeno físico. Eco era uma ninfa muito faladora que um dia incorreu na cólera de Hera, por com as suas histórias procurar iludir as suspeitas da deusa em relação às traições conjugais de Zeus. Sentindo-se ludibriada, Hera condenou a ninfa a doravante nada mais conseguir dizer além do fim das frases que ouvisse. Sem a fluência das palavras, Eco sofreu ainda mais ao apaixonar-se por Narciso, tão célebre pela beleza quanto pela frieza com que correspondia aos amores que despertava. Desesperada, a ninfa tentou manifestar-lhe os seus sentimentos; rejeitada, refugiou-se em grutas e recantos, definhando até nada mais ser do que uma voz quase inaudível.

Por acção da deusa Némesis, castigadora da insolência, o próprio Narciso



Fig. 1 - J. Waterhouse, “Eco e Narciso” (1903). Liverpool, Walker Art Gallery.



Fig. 2 - Jean François de Troy, “Pã e Siringe” (1722-1724). Los Angeles. Getty Center.

<sup>1</sup> Outras lendas etiológicas associam a origem de espécies botânicas à vontade divina de preservar a memória de belos jovens. Adónis é o protagonista de uma delas: mortalmente atingido por um javali, Vénus acorreu em seu auxílio e um espinho espetou-se num dos pés da deusa – do sangue que da ferida brotou, nasceram as rosas vermelhas. Em homenagem ao belo adolescente, Vénus instituiu uma festa anual na Primavera, durante a qual se plantavam os chamados “jardins de Adónis” – vasos com belas flores efémeras, nascidas de sementes regadas com água quente para germinarem mais rapidamente, mas que morriam, por isso, também muito cedo, simbolizando a prematura morte de Adónis.

acabaria por experimentar a mesma dor: num dia quente, ao inclinar-se para beber água num riacho, o jovem ficou extasiado com a sua própria imagem reflectida nas águas. Sem conseguir abraçar a figura que o seduzia, Narciso perdeu a vida por inanição ou afogamento, nascendo em sua memória a flor ainda hoje conhecida pelo seu nome.

A espécie dos aracnídeos está etimologicamente associada ao mito de Aracne. Exímia no trabalho do tear, admirada pelo seu talento, Aracne era uma jovem da Lídia que se sentia capaz de superar a própria Atena – divindade tutelar da sua arte. Sem deixar de advertir a artesã para a cólera divina que lhe poderia advir de tão imodesto espírito de emulação, Atena aceitou competir com a mortal. Revoltada, porém, com o tema da belíssima tapeçaria de Aracne (os truques dos amores divinos), a deusa rasgou-a e transformou-a em aranha, para que toda a sua descendência continuasse a tecer até ao fim dos tempos.

Deus dos pastores e dos rebanhos, Pã é o lendário inventor de um instrumento musical denominado siringe ou flauta de Pã. Reza a lenda que, para fugir ao abraço do caprino Pã, a bela ninfa Siringe desapareceu por entre os canaviais, metamorfoseada em corça. Para amenizar a dor, em memória da sua amada, o deus concebeu uma flauta unindo com cera canas de diferentes tamanhos, porque desigual tinha sido também o sentimento que cada um deles pelo outro nutria.

Da mitologia clássica provém também a expressão "o pomo da discórdia". Nas bodas de Tétis e Peleu, Éris (a personificação da Discórdia) ateu a chama



Fig. 3 - A morte de Aquiles. Óleo de Rubens (1630-1635). Rotterdam, Museum Boijmans Van Beuningen.

de que resultaria a Guerra de Tróia, ao lançar uma maçã de ouro destinada à mais bela das deusas: Hera, Afrodite e Atena rivalizaram pela posse do objecto e Zeus ordenou a Hermes que as levasse para o monte Ida, onde o troiano Páris julgaria a questão. Depois de ouvir as promessas de cada uma das divindades em troca da sua preferência, o jovem decidiu entregar o prémio a Afrodite, recebendo como recompensa o amor de Helena de Esparta, esposa de Menelau. No intuito de recuperar a sua bela esposa, o rei de Esparta avançou contra Tróia com os seus aliados, travando uma longa guerra, que durante uma década opôs as duas facções in-

conciáveis, ainda hoje mencionadas na expressão corrente "é impossível agradar a Gregos e Troianos".

Nas hostes gregas, o herói da Guerra de Tróia foi o invencível Aquiles, filho de Tétis e Peleu – cujo nome tantas vezes se repete na expressão "o calcanhar de Aquiles". Reza a lenda que, na sua infância, a mãe o banhou na água do Estige, o rio dos Infernos, que tinha o poder de tornar invulnerável quem nela mergulhasse. Apenas o calcanhar pelo qual Tétis segurou o filho não foi molhado pela água mágica, permanecendo, pois, vulnerável. Aí o atingiria uma flecha do troiano Páris, infligindo um ferimento que lhe seria fatal.

## IN MEMORIAM...

### Deixaram-nos... no primeiro semestre de 2016:

- Dr. António de Almeida Santos, Sócio nº 336 – em 19 de Janeiro
- Dr. José de Magalhães, Sócio nº 811 – em 21 de Janeiro

- Dr. Manuel Maria Duarte Soares, Sócio nº 804 – em 28 de Fevereiro
- Dr. Manuel de Sousa Loureiro, Sócio nº 226 – em 3 de Março.

*Que descansem em Paz!*

# 1 DE MAIO DIA DA MÃE E DIA DO TRABALHADOR

Por Maria de Fátima Lencastre

Por circunstâncias várias, no dia 1 de Maio assisti à transmissão pelo canal TVI da Missa celebrada pelo Rev. Padre Constantino Gonçalves Alves na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Setúbal. Depois da saudação pelo Sacerdote, uma jovem Trabalhadora introduziu a celebração.

"Neste dia do Trabalhador, a Igreja, seguindo o Concílio Vaticano II e os Ensinamentos Sociais da Igreja, partilha das suas alegrias, esperanças e conquistas de direitos sociais e laborais, mas também dos sofrimentos, das angústias, e das suas incertezas e associa-se e celebra as suas lutas pela dignidade, trabalho com direitos, e pela mais justa repartição dos rendimentos do trabalho .

Estes anos de crise e austeridade fizeram recair sobre a classe trabalhadora inúmeros sacrifícios, baixa de salários e reformas, aumento do desemprego e trabalho precário, pobreza e exclusão social e perda de direitos sociais e laborais.

Os jovens e os imigrantes, em particular, vivem em grande ansiedade.

As desigualdades sociais cresceram muito e grandes grupos financeiros e empresariais, muitas vezes, com o recurso à grande corrupção, trouxeram maior sofrimento e sacrifícios para os trabalhadores.

A ideologia neoliberal, colocando o dinheiro como um "deus", centro da economia, como reafirma o Papa Francisco, é um verdadeiro pecado social.

Neste contexto, as mães, e particularmente as mães trabalhadoras, fazem enormes sacrifícios pelos seus filhos e a sociedade não reconhece e valoriza como devia a missão da Maternidade, com as necessárias medidas de protecção social e muitas mulheres vêem-se impedidas de ficarem grávidas para não perderem o seu posto de trabalho." (1)

Na Homilia o Sacerdote dirigiu-se à assembleia:

## "Irmãs e Irmãos

Neste dia primeiro de Maio, dia do Trabalhador e, por coincidência feliz, dia da Mãe, somos exortados a celebrar estes dois acontecimentos que, muitas vezes, estão intimamente ligados. Estamos confortados pela certeza da presença encorajadora de Jesus Ressuscitado que nos faz caminhar na esperança para "os novos céus e nova terra" como as Leituras que acabámos de escutar nos referem.

Jesus foi trabalhador manual e Maria, sua mãe, uma mulher de condição humilde com múltiplas tarefas domésticas. Também desde as primeiras páginas da Bíblia que o trabalho é apresentado como um meio para nosso sustento e igualmente associado à Obra do Criador, tornando-nos à sua imagem e semelhança, sendo, por isso, fonte de realização humana, criador e criativo. E S. Paulo chegou mesmo a dizer que *quem não trabalha que não coma!*

Também a maternidade é-nos apresentada na Bíblia e nos ensinamentos da Igreja como uma vocação e uma missão, bela e dignificante da mulher, imagem da igreja. Se historicamente a comemoração do primeiro de Maio, assenta na luta pelas 8 horas de trabalho conseguidas no meio de sofrimentos e muito sangue derramado, também as Mães, e de modo particular as mães trabalhadores,

incorporam em suas vidas os sofrimentos, angústias e esperanças da história do Movimento Operário e das classes trabalhadoras.

Esta semana, entre outros casos, tocume profundamente uma mãe, com dois filhos e já no último mês de gravidez dum terceiro filho, com as lágrimas a escorrerem pela face, que veio implorar à Igreja apoio alimentar pois já não tinha nada em casa para dar de comer aos seus filhos. O marido, fora trabalhar três meses para França, mas não lhe pagaram os salários na totalidade.

Ela trabalhava num restaurante, mas quando se aperceberam que estava grávida despediram-na. Sem direito a subsídio de desemprego nem ao Rendimento Social de Inserção (pela rigidez, crueldade e desumanidade de algumas das suas regras), depois de bater a muitas portas da cidade ("*ninguém me ajudou*") chorava!

Ela e o marido são o rosto visível de milhares de pessoas que neste país são descartadas, arrumadas para a valeta, sem uma protecção social eficaz.

Por isso, ...

Curvo-me respeitosamente perante:

- aquela jovem mãe que se prostituiu para poder alimentar o seu filho pois está desempregada.
- as mães que ainda de noite deixam os seus filhos entregues a uma ama para irem trabalhar muito longe... pois o progenitor desapareceu.

- a mãe que aceitou o seu filho com uma grande deficiência e se ocupa dele durante todo o dia.

Curvo-me agradecido perante todas as mães!

Louvado seja Deus pelo amor e ternura das mães!

Fazendo um rápido percurso pela história constatamos que foi à custa de muito sofrimento, suor, sangue, torturas, prisões e mortos que os mais pobres, desde os escravos aos operários da primeira revolução industrial no século XVIII, foram conseguindo alguns direitos laborais e sociais fundamentais no que se refere a horários de trabalho, protecção social, direitos de associação, higiene e segurança, férias e negociação colectiva, cultura e protecção na velhice. Tudo isso foi fruto duma grande tenacidade, duma solidariedade imensa e duma forte organização.

Temos vindo a assistir desde há algumas dezenas de anos a um verdadeiro retrocesso e à perda de muitos desses direitos, à diminuição de salários, conduzindo ao trabalho que desqualifica e que escraviza, à dependência crescente, ao sofrimento e incerteza. Neste processo as famílias e a vida familiar têm sido duramente fustigadas em que as principais vítimas são as crianças, jovens e idosos.

A Igreja, principalmente desde o século XIX tem dedicado uma especial atenção ao mundo do trabalho e aos trabalhadores, produzindo notáveis ensinamentos em várias Encíclicas sociais.

São três os pilares em que assenta a sua doutrina social: *A dignidade da pessoa humana, o acesso equitativo aos bens da Criação e a opção preferencial pelos pobres*. O trabalho digno e justamente remunerado é apresentado como um direito essencial e são condenadas todas as formas de exploração do trabalhador ao mesmo tempo que se defende uma economia que tenha como centro a pessoa humana e não o lucro egoísta e desenfreado.

De igual modo defende a justa repartição dos rendimentos do trabalho, a livre associação dos trabalhadores, nomeadamente em sindicatos e comissões, e

as empresas como comunidades de pessoas, e a participação dos trabalhadores na definição de objectivos, processos de fabrico e estratégias.

Por isso é intolerável o que se passa hoje no mundo do trabalho: a chaga do desemprego, a baixa de salários, a pobreza, a divinização da flexibilidade sem limites, a perda de direitos laborais e a crescente submissão do trabalhador aos interesses do capital, ávido de lucro, como um deus despota, sugando o sangue e a vida de milhões de trabalhadores e suas famílias. Neste cenário o Papa Francisco adverte: "Quem está desempregado ou subempregado **arrisca-se, de facto, a ser colocado à margem da sociedade, a tornar-se uma vítima da exclusão social**: muitas vezes acontece que as pessoas sem trabalho – penso sobretudo em muitos jovens desempregados – **escorregam no desencorajamento crónico, ou pior, na apatia**", e na sequência dos seus predecessores o Papa Francisco constantemente denuncia um modelo económico de desenvolvimento e uma economia de exclusão, que mata por que faz do dinheiro um deus e a ele sacrifica a vida e os direitos dos trabalhadores e dos mais pobres.

Defende, por isso, a promoção dum emprego digno e sustentável e um novo modelo de desenvolvimento económico e social que coloque a economia ao serviço das pessoas e das suas necessidades e apresenta a solidariedade como uma atitude mental permanente.

Felizmente que também há empresários e gestores com consciência da dimensão social das empresas e da ética na economia. Todos os empresários e gestores cristãos deveriam deixar-se guiar pela doutrina social da Igreja.

No seguimento de Jesus, do seu compromisso de vida com o Reino de Deus, do anúncio da boa nova de libertação aos pobres e da sua mensagem... também nós, Cristãos, devemos integrar todo este movimento que luta pela justiça, pela inclusão social dos pobres e pela combate às causas estruturais que geram a pobreza de mãos dadas como todos os que têm estes mesmos objectivos, articulan-

do pequenos e simples gestos solidários, indispensáveis para com o próximo necessitado, com a luta pelas grande causas e objectivos sociais e políticos.

Uma fé autêntica, que não se reduza ao *"mundanismo religioso"*, espectaculares manifestações religiosas, e a uma fé intimista e devocionista, implica necessariamente a luta pela justiça e por um mundo de paz, mais justo e fraterno para que o mundo fique melhor depois da nossa passagem sobre a Terra.

Em Maria, Mãe das mães, encontremos o modelo duma Igreja com um rosto fraterno e um coração materno, apoiados na certeza de que os fracassos, as perseguições e humilhações encontrarão em Jesus ressuscitado a certeza da vitória e dos *novos céus e duma nova terra*.

*Assim seja" (1)*

No final, três paroquianos – Manuel Guerra Henriques na voz, Leonel Pimentel na guitarra e Mestre David na viola – entoaram *"Ó Minha Mãe, Minha Amada"* e *"Quanto é Doce, Quanto é Doce"* perante a imagem da Virgem, numa entrega de espírito e arrebatamento tão sentido como nunca me houvera sido dado partilhar.

Era, em música e canto, a simbiose mais perfeita do(a) Trabalhador(a) com a Mãe e um súbito pensamento me ocorreu:

**Se o Parlamento coubesse naquele espaço ou aquela assembleia paroquial, na sua forma de representar este dia, tivesse assento na outra Assembleia (da República) – a que também pertence... – quem sentiria necessidade de socorrer-se de apelos a consensos (reais ou virtuais) e a afectos (genuínos ou não tanto...), de artificios, de narrativas ao jeito de cada um, em suma, de tudo o mais que não flui naturalmente, quando, a final, bastava acolher, em todas os dias do ano, o clamor, as preces e o canto em uníssono deste Dia 1 de Maio???**

(1) *Textos integrais cedidos pelo Padre Constantino Alves, a nosso pedido, conforme anunciei aos 45 convivas do "Chá da Primavera", ao partilhar este sentimento.*

# 1- URGE EDUCAR PARA A PAZ, NO ANO INTERNACIONAL DO ENTENDIMENTO GLOBAL

Por Matilde Sousa Franco

A melhoria da Inteligência Emocional e a consequente melhor capacidade para compreender os outros, é essencial a um diálogo mais profícuo, e este é basilar para o entendimento e felicidade das pessoas.

No início de 2016, em boa hora a UNESCO estipulou que este é o "Ano Internacional do Entendimento Global", o que nos abre janelas de oportunidades para um mundo em que se lancem mais e mais sólidas pontes conducentes à tão ansiada paz mundial.

Como nos jovens e crianças radica sobretudo a esperança, pensei que uma das mais sólidas pontes é a da Educação, na vertente da Cidadania, com o objectivo de ligar culturas, civilizações, religiões, países, continentes...

Assim, penso que urge implementar um vasto programa educativo conducente à globalização da paz, com base na moderna Ciência, sobretudo a Inteligência Emocional e a Inteligência Social, e o qual seria preferencialmente integrado na disciplina de Cidadania.

Esta educação cívica incluiria defesa do ambiente e do património cultural, normas de vida saudável, etc., devendo prevenir e contrariar o empobrecimento das relações humanas, ser contra toda a violência, incentivando relações interpessoais gratificantes, a favor do diálogo (também inter-cultural, inter-religioso), em prol da amizade, da paz, aproximando-nos o mais possível do maior anseio de todos nós, a felicidade, nos moldes em que a Ciência nos explica.

Esta minha proposta educativa foi considerada recentemente "do maior inte-

resse" por parte de Guilherme d'Oliveira Martins, que dirige na Fundação Calouste Gulbenkian o pelouro da Educação, tendo-me o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, enviado "as suas calorosas felicitações pelo projecto que se propõe implementar".

Como base científica, lembro, por exemplo: António Damásio "ser racional, não é separarmo-nos das nossas emoções. O cérebro que pensa, que calcula, que decide, não é diferente daquele que ri, que chora, que sente prazer e repulsa. A ausência de emoções e de sentimentos impede-nos de ser verdadeiramente racionais"; Martin Seligman, da Universidade de Pensilvânia, Walter Mishel, da Universidade de Stanford e Peter Salovey, da Universidade de Yale, afirmam que "a inteligência emocional é a capacidade de dominar as suas emoções, mas, sobretudo de compreender as dos outros".

Ora, a melhoria da Inteligência Emocional e a consequente melhor capacidade para inclusivamente compreender os outros, é essencial a um diálogo mais profícuo, e este é basilar para o entendimento e felicidade das pessoas.

Explico um pouco o conceito base deste ensino, que venho estudando há décadas. Está cientificamente provado que o QI (Quociente de Inteligência) apenas interfere em 20% dos elementos que determinam o nosso sucesso e é imutável ao longo da vida, enquanto os restantes 80% dependem de factores que englobam o que se considera Inteligência Emocional (QE) e podem ser melhorados ao longo da vida.

Portanto, urge ensinar a gerir as nossas emoções, e nada melhor do que através

do sistema educativo, pelo menos de crianças e jovens entre aproximadamente os 6 e os 18 anos de idade, desde o 1º ao 12º ano de escolaridade, mas se puder ser antes e até mais tarde, tanto melhor.

Há já vários anos, Richard Layard, da London School of Economics, afirma: "A felicidade deve tornar-se o objectivo da política e o progresso da felicidade nacional deve ser medido e analisado com tanta atenção como o crescimento do produto interno bruto (PIB)".

Assim, desde 2009, dois prémios Nobel da Economia têm integrado estatísticas económicas com conceitos de qualidade de vida, tendo-se tornado hábito medir a felicidade dos países.

O que eu proponho é que de forma pró-activa, pela educação de crianças e jovens, se ensine, através da gestão das emoções e do incremento do quociente da Inteligência Emocional (QE), a construir melhores pontes de entendimento, as quais, a partir dos educandos, alastrarão à sociedade, a caminho da paz global. Esta disciplina seria ensinada, preferencialmente, através da apelativa gamificação, de vídeo-jogos. Os vídeo-jogos seriam em Português, em Inglês e sequentemente noutras línguas, pensando já na sua internacionalização pelo maior número possível de países, pois o objectivo é o Entendimento Global.

Na ONU foi felizmente aprovada por unanimidade, em 2012, a criação do "Dia Internacional da Felicidade", o qual vem sendo comemorado. No entanto, com um mundo tão destroçado por tanta violência, há países em que é impossível comemorar um Dia da Felicidade. Este projecto

educativo procura activamente implementar 365 dias de felicidade em todos os quadrantes geográficos e ideológicos. Na Universidade de Harvard, com igual base científica, o filósofo e psicólogo Tal Ben-Shaar inaugurou, em 2002, um curso que rapidamente se tornou o mais

popular dessa prestigiada universidade e o qual é apelidado "curso da felicidade". Com base nesta designação, pareceu-me ser possível chamar a este outro projecto educativo (que venho apresentando desde 2005, sempre com grande aceitação), "Educação para a Felicidade", o que

a criação pela ONU do "Dia Internacional da Felicidade" parece justificar, mas poderá ser Educação para o Entendimento Global, Educação para a Paz, ... Neste "Ano Internacional do Entendimento Global" urge concretizar e implementar esta Educação para a Paz Global.

## II - O ACORDO ORTOGRÁFICO E O FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por Nuno Tavares

Tem-se falado muito do Acordo Ortográfico e da necessidade de a língua evoluir no sentido da simplificação, eliminando letras desnecessárias e acompanhando a forma como as pessoas realmente falam. Sempre combati o dito Acordo mas, pensando bem, até começo a pensar que este peca por defeito. Acho que toda a escrita deveria ser repensada, tornando-a mais moderna, mais simples, mais fácil de aprender pelos estrangeiros.

Começamos pelas consoantes mudas: deviam ser todas eliminadas.

É um fato que não se pronunciam. Se não se pronunciam, porque ão-de escrever-se? O que estão lá a fazer? Aliás, o que estão lá a fazer? Defendo que todas as letras que não se pronunciam devem ser, pura e simplesmente, eliminadas da escrita já que não existem na oralidade. Outra complicação decorre da leitura igual que se faz de letras diferentes e das leituras diferentes que pode ter a mesma letra.

Porque é que "assunção" se escreve com "ç" e "ascensão" se escreve com "s"?

Seria muito mais fácil para as nossas crianças atribuir um som único a cada letra até porque, quando aprendem o alfabeto, lhes atribuem um único nome. Além disso, os teclados portugueses deixariam de ser diferentes se eliminássemos liminarmente o "ç".

Por isso, proponho que o próximo acordo ortográfico elimine o "ç" e o substitua

por um simples "s" o qual passaria a ter um único som.

Como consequência, também os "ss" deixariam de ser necessários já que um "s" se pasará a ler sempre e apenas "s".

Esta é uma enorme simplificação com amplas consequências económicas, designadamente ao nível da redução do número de caracteres a usar. Claro, "uzar", é isso mesmo, se o "s" pasar a ter sempre o som de "s" o som "z" pasará a ser sempre representado por um "z".

Simples não é? Se o som é "s", escreve-se sempre com s. Se o som é "z" escreve-se sempre com "z".

Quanto ao "c" (que se diz "cê" mas que, na maior parte dos casos, tem valor de "q") pode, com vantagem, ser substituído pelo "q". Sou patriota e defendo a língua portuguesa, não concordando com a introdução de letras estrangeiras. Nada de "k". Não pensem que me esqueci do som "ch".

O som "ch" passa a ser representado pela letra "x". Alguém diz "csix" para dezinar o "x"? Ninguém, pois não? O "x" xama-se "xis". Pois é iso mexmo que fiça.

Como podem ver, já eliminámos o "c", o "h", o "p" e o "u" inúteis, a tripla leitura da letra "s" e também a tripla leitura da letra "x".

Reparem como, gradualmente, a escrita se torna menos eqívoca, mais fluida, mais cursiva, mais espontânea, mais simples. Não, não leiam "simpléqs", leiam simplex. O som "qs" passa a ser escrito "qs" u que é muito mais conforme à leitura natural.

No entanto, as mudanças na ortografia podem ainda ir mais longe, melhorar consideravelmente.

Vejam os casos do som "j". Uma vez escrevemos este som com "j" outras vezes com "g". Para que complicar?!?

Se usarmos sempre o "j" para o som "j" não precisamos do "u" a seguir à letra "g" pois esta terá, sempre, o som "g" e nunca o som "j". Certo? Mais uma letra muda que eliminamos.

É impressionante a quantidade de ambivalências e de letras inúteis que a língua portuguesa tem! Uma língua que tem pretensões a ser a quinta língua mais falada do planeta, como pode impôr-se com tantas complicações? Como pode espalhar-se pelo mundo, como pode tornar-se realmente importante se não acompanha a evolução natural da oralidade?

Outro problema é o dos acentos. Os acentos só complicam!

Se cada vogal tiver sempre o mesmo som, os acentos tornam-se desnecessários.

A questão a colocar é: há alternativa? Se não houver alternativa, paciência.

É o caso da letra "ã". Uma vez lê-se "ã", aberto, outras vezes lê-se "ã", fechado. Nada a fazer.

Max, em outros casos, há alternativas.

Vejam os "o": uma vez lê-se "ó", outras vezes lê-se "u" e outras, ainda, lê-se "ô". Seria tão mais fácil se acabássemos com isso! Para que é que temos o "u"? Para u usar, não? Se u som "u" pasar

a ser sempre representado pela letra "u" fica tudo tão mais fácil! Por seu lado, u "o" passa a soar sempre "ó", tornando até dextrosesário u asentu.

Já nu qazu da letra "e", também pudemux fazer alguma qoiza: quando soa "é", abertu, pudemux usar u "ê". U mexmu para u som "ê": Max quando u "e" se lê "i", deverá ser subxtituídu pelu "i". I naqelx qazux em qe

u "e" se lê "á" deve ser subxtituídu pelu "a". Sempre. Simplex i sem qompliqasõex.

Pudemux ainda melhorar maix alguma qoiza: eliminamux u "til" subxtituíndu, nus ditongux, "ão" pur "aum", "ães" – ou melhor "ãix" - pur "ainx" i "õix" pur "oinx". Ixtu até satixfax aqeles xatux purixtax da língua qe goxtaum tantu de arqaixmux. Pensu qe ainda puderiamux prupor maix

algumax melhuriax max parese-me qe exte breve ezersísiu já e sufisiente para todux perseberem qomu a simplifiqasum i a aprosimasum da ortografia à oralidade so pode trazer vantajainx qompetitivax para a língua purtugeza i para a sua aixpansum nu mundu.

Será qe algum dia xegaremux a exta per-faisaum?

## III – COIMBRA À MESA COM OS “CONFRADES DA BRIOSA”

Por Joaquim Couto

O 2º Grande Banquete de os "Confrades da Briososa" realizou-se, no dia 27 de Abril, no Clube da Força Aérea Portuguesa, tendo constituído novamente uma magnífica jornada de confraternização académica. Cerca de cem indefectíveis apaixonados por Coimbra e pela Briososa partilharam à mesa e ao longo da noite, paixões e vivências que guardam eternamente nos seus corações.

Tertúlia Académica, os Confrades da Briososa têm no seu ideário manter vivas as tradições e a cultura coimbrãs, incrementar os laços de confraternização e proximidade entre antigos e actuais estudantes de Coimbra, criar elos de ligação à Universidade, aos vários organismos e associações do universo académico, à Academia de cuja mística e património a Briososa é também expoente Maior!

Este solene Grande Banquete foi presidido pelo Mordomo- Mor, Joaquim Couto, assistido pelos vice-presidentes Marques Inácio, Álvaro Santos, José Fernandes Fraqueiro, Alfredo Ribeiro e pelo Confrade Juiz, João Castilho.

Os Confrades da Briososa dedicam também especial atenção à gastronomia, pretendendo uma interligação entre o convívio, a cultura académica e o prazer da Mesa. Todos os Confrades ostentam os seus canudos e o Babete de uso obrigatório, devendo obediência a um velho Chocalho que pontua as intervenções e cerimónias



As Confreiras e os Confrades-Jantar Briososa

e se faz ouvir sempre que urge impor a ordem e o silêncio...

Daniel Sanches surpreendeu os presentes, oferecendo aos Confrades um novo e robusto chocalho, de origem certificada, agora reconhecido também como Património Material da Humanidade!

Doravante, este novo instrumento sonoro, fará companhia ao chocalho primeiro, peça antiga mas já de voz cansada, descoberto pelo Álvaro Santos em terras da sua Moura Morta!

Por direito e cidadania, estes dois instrumentos gozarão de presença destacada e obrigatória, conferindo às nossas tertúlias a devida solenidade e cagança!

Momento alto deste Grande Banquete, foi a entronização de Teresa Leonidas, Manuela Curado e Daniel Sanches como Confreiras e Confrade de Honra, apadrinhados respectivamente por Tito Costa Santos, Álvaro Santos e João Castilho.

Os novos confrades receberam as insígnias – Babete e Canudo – tendo os pa-



Grupo Serenata de Coimbra-Jantar Briososa

drinhos destacado o percurso da vida académica e cívica dos homenageados, o seu academismo exemplar, a vivência da cultura coimbrã e o seu arreigado amor à Briososa.

Os homenageados agradeceram a distinção, enalteceram a acção dos Confrades da Briososa, salientando que Coimbra, as suas tradições e vivências jamais se apagarão das suas memórias e dos seus corações.

O Grande Banquete terminou com o Canto e a Música de Coimbra. Deram-nos a honra da sua presença, o Grupo Serenata de Coimbra com a participação de dois elementos do Grupo Porta Férrea. Cantores: Sutil Roque, João Tomé, Tito Costa Santos. Guitarras: Alexandre Bateiras, João Barros, Marques Inácio. Violas: Tito Mackey, Soares da Costa, José Rodrigues Pereira.

Foi um final único e inesquecível, um privilégio ver e ouvir estes Mestres do Canto e da Música de Coimbra que a todos encantaram!

### 01.

## JANTAR ESPECIAL 4

Não há 3 sem 4 – e este ocorreu precisamente no dia 3 de Junho, com 51 associados e amigos a aplaudir o “*Serenata ao Luar*” no seu habitat de eleição: o *Coimbra Taberna*, onde parece que todos regressam aos verdes anos, num espaço coimbrão por excelência. Parabéns aos aniversariantes e ânimo aos jovens proprietários!



Os Aniversariantes (ludibriados...)

### 02.

## FOLIA DO CARNAVAL

Voltámos ao *Altis Park Hotel*, de nossa preferência pelo salão, serviço, simpatia e sempre bom acolhimento na repetição da “partida bolo fingido”.

A chamada “crise” afectou a adesão (apenas 78 foliões deram o seu melhor com alegria e juventude comprovada!

### 03.

## FESTA DOS SANTOS POPULARES

A *Quinta da Valenciana*, em Fernão Ferro, continua recebendo-nos com simpatia, qualidade e quantidade no menu do almoço e do lanche, música ao vivo para dançar nos intervalos do nosso Programa:

- Um Coral *Ad-Hoc* à altura, como nos tem habituado;
- Danças de salão e sevilhanas pelo casal de artistas consumados Maria Alice/Alberto;
- Concurso de Quadras sob a apreciação de um júri rigoroso, que premiou as seguintes:

Oh meu querido São João  
És um amigo da onça  
Levaste o Passos Coelho  
Mas trouxeste a geringonça!

*Jeremias*  
(Isabel Soares da Costa)

S. João vê lá se podes  
Um milagre conseguir  
Conserta-me a geringonça  
P’ra ninguém se poder ir.

*Camélia*  
(Fantina Costa)

Corre p’ro Zoo João  
Leva de lá uma onça  
Vai soltá-la no Salão  
Onde está a geringonça.

*Giesta*  
(Maria Alice Gouveia)



O Júri e os Laureados



As Aniversariantes

## 04.

## ENCONTRO DOS BIRMANESES

No dia 6 de Março, juntaram-se os 24 viajantes com 10 não viajantes, interessados aqueles em lembrar, estes em conhecer um país tão especial através de um vídeo e fotografias que a Agência exibiu, tendo também oferecido iguarias da região a enriquecer o habitual lanche por nós preparado.

Houve o concurso de fotografias, tendo ganho o 1º Prémio a Milú Pombo;

## 05.

## COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ◆ O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra convidou-nos a estar presentes em vários doutoramentos e outros eventos institucionais;
- ◆ A Associação Académica de Coimbra requereu a nossa presença na tomada de posse dos novos órgãos sociais;
- ◆ A Secretaria Regional da Educação e Cultura da Região Autónoma dos Açores endereçou-nos convite para a apresentação de obras e concertos musicais, ocorridos em 4 e 5 de Junho na Feira do Livro;
- ◆ Maisumavêso Clube SI (Soroptimistas) Lisboa 7 Colinas fez questão em abri-lhantar o jantar do seu 26º aniversário com a actuação do já famoso Grupo "Serenata ao Luar", sempre muito aplaudido e fotografado.



- ◆ Assistimos à apresentação da obra "Prelúdios" de Carlos Carranca pelo Prof. Doutor José d'Encarnação, com os testemunhos das actrizes Cláudia Semedo, Catarina Guerreiro, Maria Camões e ainda do Mestre Eugénio Roque, no dia 20 de Fevereiro, no Coimbra Taberna;

- ◆ A convite do Coimbra Taberna, a presidente da Associação esteve presente na comemoração do "Dia da Voz" (16 de Abril), dedicada em especial ao Luiz Goes, com intervenções de José Mesquita, António Toscano e Carlos Carranca;
- ◆ Diligenciámos a presença de muitos Associados no concerto promovido no S. Jorge, em 12 de Abril, pelos "Alma de Coimbra" e "Coro da Assembleia da República", a favor da Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR);
- ◆ A presidente da Direcção foi convidada a participar na sessão de apresentação por Francisco Louça, do livro "Gritante Justiça", de António de Almeida Santos, com prólogo de Adriano Moreira.

## 06.

## SE NÃO SABIAS FICAS A SABER QUE...

Deram entrada na Biblioteca da nossa Associação neste 1º Semestre de 2016, enriquecendo o património com livros e outra documentação os Sócios e Amigos: Dr.ª Maria de Fátima Lencastre, Dr. Carlos Manuel Almeida Santos (livros e 52 medalhas), Cor. Dr. Manuel Brito Guerreiro Júnior (documentação relativa à Queima das Fitas dos anos 1959 e 1960), Doutor Carlos Carranca (livro "O Eu Desconhecido"), a Associação dos Pupilos do Exército (o seu periódico) e a Comunidade Vida e Paz (o seu boletim informativo).

*Perdoar-nos-ão os que, por lapso involuntário, não foram nomeados.*

## NOTAS:

Ainda temos Sócios com quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...)  
Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!



Janeiro a Junho 2016

## FICHA TÉCNICA

### CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos Estudantes  
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: [geral@aaec-lisboa.com](mailto:geral@aaec-lisboa.com)

INTERNET: [www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)

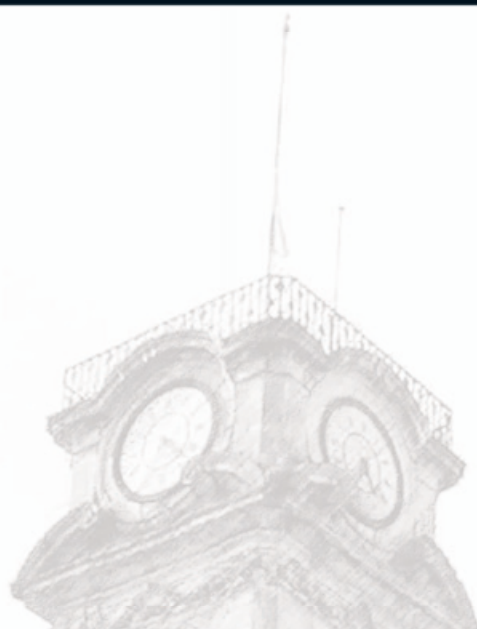
FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS

SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO



## António de Almeida Santos 1926 - 2016

Associação  
dos Antigos  
Estudantes  
Coimbra  
Lisboa

### Foi para o Além...

O propósito de preparar com mais sossego a sua “passagem para o Além” (sic) levou António de Almeida Santos a pedir escusa das suas funções de Presidente da Mesa da Assembleia-Geral desta Associação, que exerceu durante 12 anos.

Em 19 de Janeiro de 2016 o Além recebeu-o!...

